

Recuperando Marco Antônio e Cleópatra por meio das moedas

Retrieving Mark Anthony and Cleopatra by means of the coins

Camilla Ferreira Paulino da Silva*

Resumo: Objetivamos, nesse artigo, discutir o potencial discursivo das moedas para o resgate de versões menos conhecidas de personagens famosas, como Cleópatra e Marco Antônio. Seleccionamos uma série de moedas, cunhadas durante toda a vida dos consortes, para evidenciar como a moeda atendia a uma demanda retórica em meio a um período conflituoso, como foi principalmente o da década de 40 e 30 a.C. Dessa forma, apesar das dificuldades em encontrar o discurso de Antônio e Cleópatra por terem eles perdido a Batalha de Ácio (31 a.C.) e terem sido representados negativamente pela literatura, demonstraremos como as moedas auxiliaram a propagar as representações que o casal buscou para si (individual e conjuntamente), de acordo com o debate político da época.

Abstract: This article aims at discussing the discursive potential of coins to recover less known versions of famous characters, such as Cleopatra and Mark Anthony. We selected a set of coins, minted throughout the consorts' lives, to highlight how coins fulfilled a rhetorical request amid a contentious period (the 40's and 30's B.C). Thus, despite the difficulties in retrieving Anthony and Cleopatra's discourse, for they lost the Battle of Actium (31 B.C.) and were negatively represented by the Literature, we demonstrate how coins helped to propagate representations that the couple created for themselves (individually and jointly), in accordance with the political debate of that time.

Palavras-chave:

Moedas;
Cleópatra;
Marco Antônio;
Representação.

Keywords:

Coins;
Cleopatra;
Mark Anthony;
Representation.

Recebido em: 18/08/2014
Aprovado em: 30/09/2014

* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo, sob a orientação da Profa. Dra. Leni Ribeiro Leite.

Considerações iniciais

A afirmativa de que a moeda é um artefato econômico parece-nos evidente, afinal, elas surgem com o propósito de facilitar as trocas econômicas dentro de uma determinada sociedade. Porém, desde as primeiras cunhagens,¹ as moedas não ficaram restritas ao âmbito econômico, uma vez que em suas faces continham inscrições e símbolos que remetiam ao espaço, ao soberano, ao povo, aos deuses de determinada cultura e localidade. Nosso objetivo nesse artigo, portanto, é demonstrar que, quando apropriada pelos homens e mulheres para expressarem suas falas, as moedas funcionam como suporte discursivo. Os atores políticos selecionados para esse artigo, como pudemos observar, souberam manejar suas imagens de modo a divulgar somente o que eles desejavam exprimir, sabendo da importância de serem vistos como detentores de atributos especiais que os diferenciavam, em termos de *status*, das outras pessoas de sua época.

Vale salientar que, ao interpretar as moedas como discurso, uma explanação se faz necessária. Interpretamos aqui a moeda como pertencente ao discurso epidítico, ou seja, conforme a classificação de Aristóteles, na *Retórica* 1358b, como um discurso que faz censura ou louvor. Nas moedas, o louvor é mais evidente, quando, por exemplo, representavam uma pessoa ou um deus portando símbolos altivos, conferindo-lhes autoridade e *status* elevado. O vitupério ou censura, porém, se faz de forma indireta, quando representam na moeda o ideal a ser seguido por determinada sociedade (como por exemplo, as virtudes), negando comportamentos e posições que diferem desse ideal. Assim, mais que extrair informações sobre a vida e cotidiano do mundo clássico, pretendemos uma abordagem que perceba, no que podemos chamar de entrelinhas do discurso imagético-numismático, ou mesmo na obviedade dos símbolos empregados, a moeda como testemunho de disputas políticas e identitárias.

As moedas como recurso discursivo: o caso de Cleópatra e Antônio

Cleópatra e Antônio são personagens conhecidas por quase todo o mundo. Mas se quisermos entender e interpretar o que eles disseram sobre si mesmos, seus projetos

¹ Essas primeiras moedas, pelo menos tal como conhecemos, ou seja, discos metálicos arredondados, datam do século VII a.C., tendo sido primeiramente cunhadas na Lídia (CARLAN, 2007, p. 107).

políticos e afins, teremos que recorrer às moedas. Isso porque suas memórias foram depreciadas pela literatura do século I a.C. que chegou até nós e, também, por autores posteriores. Na literatura do século II d.C., no entanto, principalmente em Suetônio e Tácito, é possível encontrar alguns vestígios dos discursos dos consortes contra Otávio, mas as evidências são muito tênues. Ainda que saibamos da existência de uma literatura pró-Antônio e também pró-Cleópatra, ela não chegou até nós por força do tempo ou simplesmente foi destruída por Augusto e seus partidários.

Como sustenta Luce (1963, p. 252-7), Cleópatra causava grande pavor aos romanos por conta de seu *status* de mulher e rainha. O autor afirma, inclusive, que Horácio, ao caracterizar Cleópatra como *monstrum*, tomava como modelo a imagem de Catilina concebida por Cícero, e que referir-se a ela como *regina* reforçava a ideia da dominadora. A rainha era titular de uma monarquia tradicional, o que lhe garantia o direito de cunhar moedas com seu rosto e insígnias, sem depender do aval de um magistrado. Assim, as primeiras moedas que analisaremos são exemplares de Cleópatra, pois já a partir de 51 a.C., data em que ascende ao trono, existem emissões monetárias portando seu nome e efigie.

Figura 1: Dracma de bronze, cunhado entre 51 a 29 a.C., em Alexandria.



Anverso: busto de Cleópatra, com diadema e busto drapeado. Reverso: águia com o pé em um raio, com uma cornucópia abaixo e à esquerda, e a marca de valor P (80) à direita; inscrição:

ΚΛΕΟΠΑΤΡΙΑΣ ΒΑΣΙΛΙΣΣΗΣ. Svoronos, 1871.

Essa é a primeira moeda cunhada por Cleópatra, na qual a rainha reforça a sua conexão com os soberanos que a antecederam, pois esse padrão monetário já havia sido utilizado no reinado de Ptolomeu V para representar Cleópatra I (204-180),

identificada com Ísis (Svoronos 1235). Esse tipo monetário foi constantemente reproduzido pelos monarcas ptolomaicos. Segundo Adamson (2007, p. 3), as primeiras representações de Cleópatra buscavam uni-la à população egípcia, pois ela sabia da importância de obter aliados para manter-se no trono devido às disputas dinásticas recentes. Nesse contexto, enfatizar a continuidade e a estabilidade do regime era de extrema importância.

A imagética de Cleópatra é uma combinação das convenções egípcias e gregas. O diadema real que aparece na cabeça da rainha, por exemplo, é um símbolo helenístico de soberania, estabelecido por Alexandre, o Grande. O coque também é um penteado à moda grega, distinto do padrão egípcio, a peruca tripartida. O anverso da moeda a conecta com Ptolomeu I (323 a.C. a 283 a.C.), em cujo governo foi estabelecido um culto ao soberano. O padrão adotado por Cleópatra em suas moedas é palatável a uma audiência ocidental, o que pode ser atestado pelo penteado, pelo contorno dos olhos e mesmo pelo nariz, distintos da imagética egípcia tradicional encontrada, por exemplo, nos altos-relevos da rainha. Desse modo, podemos dizer que existe um padrão ptolomaico-egípcio nas representações de Cleópatra, pois ela não apenas assumiu uma identidade egípcia, mas também preservou o padrão helenístico de seus ancestrais (ADAMSON, 2007, p. 7).

O diadema em si é um símbolo frequente na representação de vários deuses, como Baco, Netuno e Vitória, e era um distintivo da realeza, tendo sido adotado pelos reis helenísticos. Este símbolo foi primeiramente utilizado, no Ocidente, por Alexandre, que adaptou o diadema real dos persas à sua imagem. Em seguida, o diadema foi apropriado por Ptolomeu I e por toda a sua dinastia (DARENBERG; SAGLIO, s/d, p. 120).

O reverso da moeda contém a águia, símbolo recorrente nas representações ptolomaicas. Tida como a rainha das aves, a águia era um dos atributos de Zeus/Júpiter, sendo assimilada ao sol (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1986, p. 60). A águia aparece geralmente em cima de um raio, como nessa moeda de Cleópatra, mas também sobre um globo, numa coroa de louros, num ramo de oliveiras ou na proa de navio, todos símbolos de supremacia na Antiguidade. Já a cornucópia, que aparece associada à águia, é um símbolo de abundância e de fertilidade, estando ligada aos Ptolomeus em virtude da riqueza cerealífera do Egito.² Nessa moeda, portanto, Cleópatra busca

² A cornucópia esteve presente, desde o séc III a.C., nas moedas dos Ptolomeus. Cf. Svoronos 475, 1498, 461.

expressar a pujança e a harmonia de seu governo, que alinhava-se com a tradição ptolomaica.

Figura 2: Tetradracma de bronze, cunhado em 37/36 a.C., em Pafos, Chipre.



Anverso: busto de Cesário, com diadema. Reverso: águia com uma folha de louros sob a asa, em pé em um raio, coroa de Ísis e uma estrela à esquerda com LA (ano 1 de Cesário); inscrição:

ΠΤΟΛΕΜΑΟΥ ΒΑΣΙΛΕΩΣ. Svoronos, 1816.

Em 36/35 a.C., Cleópara cunhou a moeda acima, incluindo Cesário no anverso, com quem governava desde 44 a.C., sem dúvida numa tentativa de identificá-lo com a linhagem real dos Ptolomeus. A diferença entre essa moeda e a anterior (Figura 1) é que, no anverso, a águia segura com as garras uma folha de louro, sendo acompanhada por uma estrela e pela coroa de Ísis. Kreuzer (2009, p. 23) sugere que a estrela é uma referência ao *Sidus Iulium*, o que reforça o parentesco do regente com César, mas também alude à ascensão de Cesário ao trono, já que o título do reverso é “rei Ptolomeu”, evidenciando que ele governava ao lado de sua mãe, representada pelo diadema de Ísis, deusa assimilada a Cleópatra.³

³ Existe um dracma (*RPC* 5001) 30 a.C., no qual Otávio, ao conquistar o Egito, cunha em Alexandria um exemplar seu portando as mesmas características das moedas das figuras 15 e 16. O título que aparece no reverso do exemplar de Otávio está em grego, expressando claramente uma *imitatio* das moedas ptolomaicas. Essa emissão, assim, parece-nos promulgar a continuidade, mas também a superação do modelo de governo antecedente, por ser Otávio um romano e não um monarca ptolomaico: o título do reverso de seu dracma é *Kaisaros Autokrator*, não rei/*basileus*. Pela data da cunhagem, inclusive, é possível que Cleópatra ainda estivesse viva, e sendo assim a moeda seria uma grande provocação à rainha, assim como uma tentativa de aproximação com a população local pela utilização de algo já familiar a eles.

Figura 3: Moeda de bronze de Cleópatra, cunhada em Pafos, no Chipre, em 47 a.C.



Anverso: Cleópatra/Afrodite com diadema e uma criança alada (Eros) no colo, com um cetro atrás.

Reverso: duas cornucópias ladeadas por fitas; inscrição: ΒΑΣΙΛΙΣΣΗΣ ΚΛΕΟΠΑΤΡΑΣ. Svoronos, 1874.

Já nessa moeda, cunhada em 47 a.C., vemos Cleópatra caracterizada como Afrodite, deusa grega do amor, e uma criança com asas nos braços, sem dúvida Eros, filho da deusa que, na realidade, seria Cesário, nascido no ano da cunhagem (HAZZARD, 2000, p. 153). A opção por representar Cleópatra como Afrodite deriva do local de cunhagem, pois em Pafos existia um importante templo e um culto tradicional a essa deusa. O cetro real, que aparece no anverso, alude à sucessão dinástica, pois, como primogênito, Cesário era quem assumiria o trono após a morte da mãe (SCHWENTZEL, 2009, p. 78).

Vale lembrar que Plutarco (*Ant.*, 26-1-3), ao narrar o encontro de Antônio e Cleópatra em Tarso, descreve que a rainha apareceu vestida e adornada como Afrodite, tendo empregado meninos para atuarem como Eros. Além disso, Júlio César, descendente de Vênus (equivalente romana de Afrodite), dedicou uma estátua de Cleópatra no templo de Vênus que construía em Roma. A ilha de Chipre, local da cunhagem da moeda, foi devolvida a Cleópatra por César um ano antes. Desse modo, esse exemplar monetário possui um importante significado na associação da rainha e de seu filho com o *dictator* romano.

Roller (2010, p. 182) esclarece que essa moeda é uma reprodução de um modelo empregado por Arsínoe II (316-270 a.C.), soberana que parece ter exercido forte influência sobre Cleópatra. Arsínoe também fora considerada encarnação de Ísis, e essa rainha e Cleópatra foram as únicas regentes ptolomaicas a portar o título de "Filha de Geb" (o deus criador egípcio), demonstrando a tentativa de identificação por parte de Cleópatra com a sua antecessora.

As duas cornucópias do reverso aludem à prosperidade do reino ptolomaico ao sucesso da dinastia (MADDEN; STEVENSON; SMITH, 1989, p. 289). Nessa moeda, Cleópatra eleva Cesário à posição de co-regente, ainda que na época fosse casada com Ptolomeu XIV, com quem dividia o trono.

Essas foram as moedas cunhadas por Cleópatra e que revelam, mesmo de modo restrito, suas ambições políticas. Por meio delas notamos que a rainha buscou atrelar-se à tradição dinástica, ao campo divino e, posteriormente, a Júlio César, numa tentativa de propagar uma imagem poderosa do Egito. Cleópatra buscou também reforçar, por meio das moedas, uma suposta harmonia na relação com os alexandrinos. Como assinala Wyke (2002, p. 196-7), até a Batalha de Ácio Cleópatra havia construído uma imagem bem específica para si, surgindo como uma rainha protetora. Sua propaganda, ainda que pouco nos tenha chegado dela, era calcada na imagem de alguém que competia com Roma em pé de igualdade. Muitas vezes o poder político de Cleópatra, bastante extenso, é ofuscado pelos artifícios de sedução que lhe atribuem os poetas augustanos e os cronistas da época imperial. Essa imagem é por vezes reproduzida pelos especialistas, como Grant (2004, p. XV), que introduz a história da rainha do seguinte modo: “A história de Cleópatra é a história de uma mulher que se tornou completamente envolvida [...] com dois homens.”⁴

As moedas a seguir são cunhagens romanas confeccionadas por determinação de Antônio ou por moedeiros. Como dissemos, somente em 44 a.C., com César, a face de pessoas vivas aparece nas moedas romanas. No caso de Antônio, sua primeira não data do início da carreira (já que, afinal, ele não possuía autoridade para tal, diferente de Cleópatra, uma rainha), mas do *post mortem* de Júlio César.

⁴ Esse tipo de fala, comum de certa forma nos manuais sobre Cleópatra, expressam a forma como Dion Cássio (*Hist. Rom.*, 51.15.4) resume a trajetória da rainha: “Cleópatra era de uma insaciável paixão e insaciável avaréza [...]. Pelo amor ela ganhou o título de Rainha dos egípcios, e quando ela sonhou pela mesma maneira ganhar também o de Rainha dos romanos, ela falhou e perdeu o primeiro, ademais. Ela cativou os dois maiores romanos do tempo dela, e por causa do terceiro ela se destruiu.”

Figura 4: Denário cunhado em Roma pelo moedeiro Públio Sepúlio Macro, em 44 a.C.



Anverso: Marco Antônio, com a cabeça velada, barbado, com um *lituus* à sua frente e uma *capis* atrás.

Reverso: *dioscuri*; inscrição: *P. SEPVLLIVS MACER. RRC 480/22.*

Esse denário é o primeiro em que Antônio aparece e, como pode ser notado, não há nenhuma menção ao seu nome ou títulos. O exemplar foi cunhado cerca de um ou dois meses após os Idos de Março (SEAR, 2000, p. 281). O busto barbado, que veremos em outras moedas, também comparece nas de Otávio. O uso da barba em Roma era sinal de luto (ARAGÃO, 1870, p. 116; CRAWFORD, 1975a, p. 495). De acordo com Plutarco (*Ant.*, 14.3-4), Antônio foi designado para cuidar do funeral de César, sendo famoso seu elogio público do *dictator* morto, por meio do qual teria inflamado a plebe contra os assassinos de César (GONÇALVES; OMENA, 2010).

No anverso da moeda, temos Marco Antônio com a cabeça velada; por detrás dele, uma *capis*, um vaso, que poderia ser utilizado em rituais de sacrifício, quando fosse confeccionado com material precioso e aparece associada a pessoas que possuíssem alguma dignidade sacerdotal (DARENBERG; SAGLIO, s/d, p. 896). Logo abaixo de seu queixo, um *lituus*, bastão dos áugures ao qual já aludimos. Quando a *capis* é posta ao lado do *lituus*, sugere um ritual de augúrio (STEWART, 1997, p. 173). A cabeça velada de Antônio evoca o traje comum aos áugures, a *trabea*, que se diferenciava das outras *togae* por ser mais curta e ampla, contendo uma barra nas cores vermelha ou púrpura (MADEN; SMITH; STEVENSON, 1989, p. 798). Um fato relevante é que Antônio só se tornou áugure graças à influência de Júlio César; a adequação para servir como áugure não era medida pela devoção ou pela idade, e sim pelo prestígio e poder (HUZAR, 1978, p. 42).

O reverso da moeda menciona o moedeiro responsável pela cunhagem, *Publius Sepullius Macer*, que também havia cunhado uma moeda com reverso idêntico, em

homenagem a César (*RRC* 480/21). O reverso traz ainda a figura de dois cavaleiros portando chicotes. Tais figuras representam os *desultori*, acrobatas que utilizavam o cavalo em demonstrações de salto, geralmente nos *ludi*. O *desultor*, por meio do chapéu cônico e dos cavalos, remete ao mito de Castor e Pólux (MADEN; SMITH; STEVENSON, 1989, p. 320).⁵ Vale a pena mencionar que com Júlio César os triúnviros monetários passaram a contar com mais um membro, tornando-se quadriúnviros monetários, que tinham por hábito inserir nas moedas aspectos ligados à tradição romana, podendo contar alguma história mítica/religiosa ou simplesmente reforçar a soberania de Roma diante de outros povos. Além disso, os moedeiros por vezes inseriam em suas cunhagens referências às suas famílias, o que os distinguia um dos outros (FACHIN, 1993, p. 12). Assim, o reverso da moeda não se conecta com Marco Antônio, mas com o moedeiro em questão e com a população romana de modo geral. Como ele exercia o consulado com Júlio César naquele ano, o moedeiro resolveu homenagear Antônio com duas moedas do *dictator* (*RRC* 480/12 e 480/21).⁶ Desse modo, as primeiras imagens de Antônio ligam-se completamente ao *dictator*, quem o apoiou diretamente no decorrer do *cursus honorum*, como declara Cícero (*Phil.*, 2.71), para quem a carreira política de Antônio deveu-se completamente à influência de César; nessa mesma passagem, inclusive, Cícero acusa Antônio de ter-se autoproclamado filho adotivo de César.

⁵ *Dioscuri* significa 'filhos de Júpiter' e era o nome comumente dado à Castor e Pólux. A origem de sua adoração enquanto divindade remonta ao século V a.C. Eles teriam aparecido em Roma para anunciar a vitória do cônsul Póstumo sobre os filhos de Tarquínio, o soberbo. Portavam chapéus cônicos com uma estrela no topo descansando ao lado de seus cavalos. Contava-se também que, durante essa batalha, dois jovens apareceram montados em dois cavalos brancos e lutaram bravamente a favor dos romanos (MADDEN; SMITH; STEVENSON, 1989, p. 331).

⁶ Esse é um reverso tipicamente romano. Por exemplo, existe um denário de 211 a.C. (*RRC* 44/5), com Roma personificada no anverso e os *Dioscuri* no reverso.

Figura 5: Denário cunhado em 43 a.C., na Gália Cisalpina.



Anverso: Marco Antônio, com um *lituus* atrás; inscrição: *M.ANTON.IMP.* Reverso: César, com a cabeça laureada, com uma *capis*; inscrição: *CAESAR.DIC.* RRC 488/01.

O denário acima traz, no anverso, o busto de Marco Antônio, que aparece novamente barbado, rodeado pela inscrição “Marco Antônio imperador”. A barba demonstra que a morte de César ainda não havia sido vingada, portanto, o período de luto não poderia ter acabado. Logo atrás de Antônio vemos um *lituus*. No reverso, vê-se o busto de Júlio César, laureado e rodeado pela inscrição “César ditador”, com uma *capis* atrás. Novamente, símbolos do augurato e do pontificado são empregados na emissão de Antônio.

Antônio era sem dúvidas o romano em melhores condições para assumir o lugar de César como líder da *res publica*. Porém, com a chegada a Roma de Otávio e com os conspiradores circulando livremente pela *Vrbs* o clima era de instabilidade. Graças às articulações de Cícero, Marco Antônio acabou por ser declarado inimigo pelo Senado, o que resultou na Batalha de Módena, na qual Otávio, comandando um exército composto por vários opositores de César, sagrou-se vencedor.⁷ Essa moeda pertence a esse período conflituoso e foi cunhada no contexto da formação do Segundo Triunvirato, em 43 a.C. (CRAWFORD, 1975a, p. 498).

A *capis* e o *lituus* no anverso e no reverso da moeda aparecem em outras emissões durante o século I a.C., primeiramente nas de Silas e, por último, numa moeda de 39 a.C., do próprio Antônio. Stewart (1997, p. 170-1) defende que os emblemas aludem aos rituais religiosos, mas que eles auxiliam na legitimação do poder militar dos

⁷ Para informações detalhadas sobre esse período, cf. Syme (1939), no capítulo “The Senate against Antonius”.

representados nas moedas. Na moeda acima, por exemplo, o título utilizado por Antônio é o de *imperator*, título essencialmente militar, e não o de áugure. Assim, podemos conjecturar que os símbolos tidos como essencialmente religiosos ultrapassavam o seu significado primário, pois, em Roma, os rituais religiosos estavam diretamente ligados à vida política e cotidiana dos cidadãos. O triunfo é um ótimo exemplo dessa interação, pois a comemoração de uma vitória militar era um espetáculo pautado em um rito ancestral religioso (BEARD; NORTH; PRICE, 1998, p. 44).

Newman (1990, p. 55) supõe que, como Antônio não possuía uma ligação familiar com César na mesma proporção que Otávio, isso fez com que ele reforçasse seus vínculos com o *dictator* por meio dos símbolos do augurato, pois era de domínio público que Antônio havia sido indicado para tal cargo por seu patrono político. Veremos, porém, que Antônio também vinculou-se a César por meio de outros símbolos.

Figura 6: Quinário cunhado entre 43 e 42 a.C., na Gália Cisalpina e Transalpina.



Anverso: Busto de Vitória; inscrição: *III VIR R P C*. Reverso: Leão andando. Inscrição: *ANTONI IMP*, aos lados *A – XLI. RRC 489/06*.

Essa moeda, cunhada entre 43 e 42 a.C., traz no anverso Fúlvia transmutada em deusa Vitória. Ela foi a terceira esposa de Antônio e, de acordo com Plutarco (*Ant.*, 10.3), não era uma mulher que ficava confinada aos afazeres domésticos, tendo exercido influência política em Roma por meio do esposo; o biógrafo, inclusive, afirma que Cleópatra devia muito a Fúlvia, pois teria sido ela quem primeiro submeteu Antônio, o tornando um homem manipulável. O casamento entre Antônio e Fúlvia foi celebrado em 47 a.C., quando esta ficara viúva pela segunda vez.⁸ O fato de ela possuir uma ampla

⁸ Fúlvia foi casada com Públio Clódio e com Caio Escríbônio Cúrio, ambos amigos próximos de Antônio.

riqueza foi de grande valia para os empreendimentos de Antônio (HUZAR, 1978, p. 70). Vale lembrar que a atuação política de Fúlvia foi tão importante que culminou na Batalha de Perúsia, quando ela e seu cunhado, Lúcio Antônio, enfrentaram Otávio, enquanto Antônio planejava a campanha contra os partas (Plut., *Ant.*, 28.1).

Um dos dois filhos de Antônio e Fúlvia, nascido em 43 a.C., se chamava *Marcus Antonius Iullus* (Dion, *Hist. Rom.*, 51.15.7). Iulo é o nome dado a um dos descendentes de Enéias, ancestral da *gens Julia*. Assim, nomear seu filho desse modo era uma maneira de Antônio associar-se à memória de César. Cícero (*Phil.*, 3.17) menciona que Antônio costumava gabar-se por pertencer aos *Iulii Caesares*, já que sua mãe era Júlia Antônia, sobrinha de Júlio César e filha de Lúcio Júlio César, cônsul em 90 a.C.

A inscrição do anverso do quinário revela que Antônio já havia sido empossado como triúviro, portanto a moeda é posterior a 27 de novembro de 43 a.C.; o reverso traz a inscrição Antônio *imperator*, o que parece indicar que se tratava de uma emissão comemorativa da Batalha de Filipos, ocorrida em outubro de 42 a.C. Há uma outra moeda com o mesmo padrão imagético (*RRC 489/5*), cunhada em 43 a.C., na qual a inscrição do reverso é *XL*, demonstrando que Antônio contava então com 40 anos; na moeda da Figura 6, a inscrição é *XLI*, 41 anos.

O leão do reverso possui um importante simbolismo para Antônio. De acordo com Plutarco (*Ant.*, 4.1-2), supunha-se que os membros da *gens Antonia* fossem heráclidas, descendentes de Anton, filho de Herácles (Hércules), razão pela qual Antônio buscava reivindicar essa ancestralidade mítica, realçando seu porte físico. Essa moeda também foi então empregada para reforçar a assimilação entre Antônio e Hércules, pois o primeiro dos famosos 12 trabalhos de Hércules foi o estrangulamento do leão de Nemeia (GRIMAL, 2009, p. 79). A ligação de Antônio com o leão parece ter sido algo conhecido em Roma, já que Cícero (*Att.*, 10.13.1) adverte, numa carta, seu amigo Ático: "Tu procures não temer aos leões de Antônio".⁹ Numa outra moeda (*RRC 494/2a*), de 42 a.C., o moedeiro Lúcio Livineio Regulo homenageia Antônio inserindo, no reverso, Hércules revestido com pele de leão, como na narrativa mitológica.

Zanker (2010, p. 45) aponta a origem mítica de Antônio como inferior à de Otávio, descendente de Vênus. Aliás, o autor por diversas vezes qualifica a imagem construída por Antônio como inábil e perigosa, pois ao se associar, por exemplo, a Dionísio, divindade de procedência oriental, fornece aos inimigos argumentos para

⁹ "tu Antoni leones pertimescas caue". Carta de 7 de maio de 49 a.C.

atacá-lo (ZANKER, 2010, p. 57). Acreditamos que Zanker não atenta para o fato de que muito do que sabemos sobre Antônio seja fruto do discurso vencedor de Otávio, pois não é plausível supor que Antônio traçaria uma autoimagem que lhe fosse prejudicial. Além disso, cabe ressaltar que Antônio contava com muitos aliados políticos nas províncias orientais, onde tanto Hércules quanto Dionísio eram ampla e historicamente cultuados. Desse modo, uma identificação com essa divindade e com o herói mítico contribuía para fortalecer sua posição nos territórios de cultura helenística. Por fim, a vinculação de Antônio com o Oriente era herança da estratégia política de César, que antes de sua morte pretendia consolidar a posição de Roma no Oriente (PÉREZ, 2009, p. 182-3).¹⁰

Figura 7: Auréio cunhado em 39 a.C. local desconhecido (itinerante).



Anverso: Busto de Antônio, com uma estrela abaixo; inscrição: *M. ANTON. IMP. III. VIR. R. P. C.* Reverso: Busto de Otávio; inscrição: *CAESAR. IMP. III. VIR. R. P. C.* RRC 528/1a.

Essa moeda, cunhada em 39 a.C., é bastante intrigante devido ao contraste entre o tamanho dos bustos de Antônio, no anverso, e de Otávio, no reverso. Esse é um dos vários exemplares que comemoram a aliança restabelecida entre os dois com o pacto de Brindes, após os distúrbios causados por Fúlvia. Em todas as moedas cunhadas sob a autoridade de Antônio, Otávio é representado como um menino, um *puer*, o que explica o busto menor.¹¹ Isso não ocorre, por exemplo, nas moedas de Antônio com Lépido,

¹⁰ Scott (1929, p. 133-4) afirma que a relação de Dionísio com Antônio foi uma estratégia propagandística para impressionar o povo do Oriente, uma vez que ele queria expandir sua influência assim como aumentar as províncias daquela região. A associação com o deus do vinho era natural e vantajosa para Antônio.

¹¹ Dois exemplares de 34 a.C. (RRC 541/1 E 541/2) mostram Antônio no anverso e seu filho mais velho, Antilo, no reverso, sendo que este é representado com o busto menor que o do seu pai, um artifício, portanto, utilizado para contrastar a idade entre ambos. Fachin (1993, p. 94), sobre essa moeda, afirma:

que por possuir grande prestígio era representado com equidade.¹² Igualmente nenhum símbolo acompanha Otávio nas emissões de Antônio.¹³ Como mencionamos, a maioria das provocações que Otávio sofreu durante a década de 40 e 30 a.C. dizia respeito à sua idade e à falta de experiência diante dos rivais.¹⁴ Os títulos de *imperator* e de triúviro aparecem remetendo a Antônio e a Otávio; porém, o diferencial nessa moeda é a estrela associada a Antônio, no anverso.

A estrela era nada menos que o *Sidus Iulium*. Curioso é ver que ela não se conecta com Otávio, o mais lógico por ser este filho de César. Ocorre que em 40 a.C., no ano anterior a essa cunhagem, Marco Antônio tomou posse como primeiro *flamen diui Iulii*, o que é reforçado pela estrela do divino Júlio (BEARD; NORTH; PRICE, 1998, p. 208). Isso nos induz a concluir que logo após a morte de César o poder de Antônio era bastante extenso. Somente após a morte de Antônio é que Otávio exercerá o *flaminato* do pai. Antônio, aliás, nunca se refere a Otávio como *diui filius* em suas emissões, uma estratégia para não engrandecer o rival (FACHIN, 1993, p. 95).¹⁵ Numa moeda de 40 a.C. (RRC 521/1), ano da conquista da investidura do flaminato por Antônio, a estrela aparece no reverso, sobre a proa de um navio. O exemplar seguinte acompanha a mesma tendência.

"[...] Otávio impiedosamente retratado em toda sua puerilidade está muito longe da imagem iluminada que o consagrou no Império. Nem mesmo a barba [...] atua em seu favor, no sentido de lhe conferir certa maturidade."

¹² O exemplar RRC 492/2 é exatamente do mesmo padrão da moeda analisada nessa página, com a diferença de que Lépidio, no reverso na moeda, aparece com um *aspergillum* e um *simpulum*, símbolos que remetem ao seu pontificado máximo. Na moeda RRC 517/3, na qual quem faz par no reverso com Antônio é seu irmão, Lúcio Antônio, os bustos possuem o mesmo tamanho.

¹³ Newman (1990, p. 60) mostra que esse padrão é também seguido por Lépidio em suas moedas, indicando que os dois comandantes queriam expressar superioridade sobre Otávio.

¹⁴ C.f. Cic, *Phil.* 13.25 e Dion (*Hist. Rom.* 50. 17.3; 18.2).

¹⁵ Essa moeda também vai ao encontro da ideia de Fachin (1993, p. 95), que acredita que Antônio, a partir da vingança da morte de César em Filipos, deixou de associar-se a Júlio César.

Figura 8: Áureo cunhado em 38 a.C., em local desconhecido (itinerante).



Anverso: Marco Antônio, portando vestes de guerra, com o pé esquerdo apoiado numa prova de navio, portando uma espada na mão esquerda e segurando uma lança com a mão direita; inscrição: *M.ANTONIVS.M.F.M.N.AVG.IMP.TER*. Reverso: Leão segurando uma espada, com uma estrela acima; inscrição: *III.VIR.R.P.C.COS.DESIG.ITER.ET.TERT. RRC 533/1*.

O original da moeda acima, cunhada em 38 a.C., encontra-se perdido, pois o único exemplar conhecido, que se encontrava na Biblioteca Nacional de Paris, foi roubado em 1831; porém, temos a reprodução dela graças ao trabalho de Patin e Morell (NEWMAN, 1990, p. 48). Essa é uma moeda que evoca a perícia militar, pois em ambas as faces aparecem equipamentos bélicos, como a lança, a espada, o navio e o próprio traje de Antônio. Além disso, no anverso, o leão do reverso porta uma espada.

A legenda, no anverso, é *Marcus Antonius, Marci Filius, Marci Nepos, Augur, Imperator Tertium*, "Marco Antônio, filho de Marco, neto de Marco, áugure e imperador pela terceira vez". No reverso, *Triumvir, Rei Publicae Constituendae Consul Designatus Iterum et Tertium*, ou seja, "triúviro para a manutenção da República e cônsul ordenado novamente, pela terceira vez". Newman (1990, p. 61) assinala que a inserção da sigla patronímica *MFMN* (*Marci Filius, Marci Nepos*) foi uma resposta às primeiras aparições, nas cunhagens de Otávio, do epíteto *diui filius*, o que levou Antônio a também investir na sua linhagem.

Crawford (1975b, p. 753) comenta que as moedas de Antônio se vinculam muito mais aos cargos da *res publica* do que as de Otávio, que enfatizam seu parentesco com o divino Júlio.¹⁶ Para o autor, a moeda acima seria uma maneira de Antônio reivindicar o

¹⁶ A moeda *RRC 533/2*, por exemplo, mostra Antônio no anverso vestido como áugure, portando o *lituus*. No reverso, aparece o deus *Sol*, e uma vez que o local de cunhagem desse exemplar foi Atenas é possível que a inserção de *Sol* deu-se para enfatizar suas campanhas no Oriente, local onde esse deus era

domínio sobre os mares, pois ele é representado com o pé esquerdo sobre uma nau.¹⁷ Já os símbolos do reverso são próprios do repertório simbólico adotado por Antônio, a exemplo do leão, cujo significado já esclarecemos, e do *Sidus Iulium*. Ambos os símbolos conjugados transmitem a mensagem de que Antônio, o leão, representaria a continuidade dos projetos de César.

Figura 9: Áureo cunhado em 38 a.C. local desconhecido (itinerante).



Anverso: Busto de Antônio, inscrição: *M. ANTONIVS. M. F. M. N. [AVGV]R. IMP. TER.* Reverso: Busto de Otávia; inscrição: *COS. DESIGN. ITER. ET. TER. III. VIR. R. P. C. RRC 533/3a.*

Esse é mais um exemplar comemorativo do pacto de Brindes (40 a.C.), que selou o casamento de Antônio com Otávia a fim de obter a paz entre os triúmviros. Podemos notar, como observa Fachin (1993, p. 110), que o perfil de Antônio aumenta em tamanho com o passar do tempo, numa tentativa de Antônio demonstrar força e, possivelmente, de identificar-se com a imagem de Hércules.

Uma inovação importante nas cunhagens dos triúmviros foi o uso frequente de inscrições, pois, nos exemplares da década de 40 a.C., a epigrafia ocupa um plano secundário, valorizando-se mais os símbolos e os bustos. Na moeda acima, assim como na Figura 22, fica evidente a predileção pelos títulos, o que pode ser interpretado como uma demonstração de poder visando a impressionar a população romana, mas também uma tentativa de enaltecer ainda mais o *status* de Antônio. Outra inovação presente

bastante reverenciado. Esse deus aparece também em outra moeda de Antônio (*RRC 496/1*), com sua face no meio de um templo.

¹⁷ Crawford demonstra também que existiu uma moeda de bronze, datada de 275-270 a.C., que contém, no reverso, um leão bem parecido com o da moeda de Antônio.

nesse exemplar é que, pela primeira vez, uma mulher aparece numa moeda na condição de ser humano e não de divindade ou alegoria (WALLACE-HADRILL, 1986, p. 75).

A inscrição, no anverso, diz: "Marco Antônio, filho de Marco, neto de Marco, áugure, *imperator* pela terceira vez." E continua no reverso: "Cônsul designado novamente e pela terceira vez, e triúnviro pela manutenção da *res publica*". Nota-se que Otávia não é mencionada nessa inscrição, afinal, ela não possuía cargo público. Também em nenhuma moeda ela aparece sozinha no anverso.¹⁸ Essa peça informa sobre o casamento de Antônio e Otávia e, conseqüentemente, a trégua provisória entre os triúnviros.

Nos anos em que as últimas três moedas mencionadas acima foram cunhadas, havia se passado um bom tempo sem que Antônio e Cleópatra tivessem se encontrado. Antônio havia invernado em 41/40 a.C. com Cleópatra, em Alexandria, e a deixara grávida dos gêmeos Cleópatra Selene e Ptolomeu Hélio a fim de resolver os problemas em Roma. Porém, ao planejar sua campanha contra os partas para o ano de 36 a.C., Antônio retomou o relacionamento com a rainha, em 37 a.C., solicitando sua presença e auxílio, o que lhe rendeu uma enorme frota e apoio financeiro. A partir daí, como vimos, a relação entre eles se tornou mais estreita, e é a partir de então que aparecem as moedas homenageando Cleópatra e Antônio, em conjunto.

¹⁸ No áureo *RRC* 527/1, de 39 a.C., Otávia aparece sozinha no reverso, sem nenhum tipo de inscrição. No tetradracma (*RPC*I. 2201) cunhado no mesmo ano, mas em Éfeso, ela aparece entre duas serpentes e em cima de uma *Bacchi Cista*, que era uma cesta mística atribuída a Baco, demonstrando a conexão entre seu marido e este deus, mas que também funcionava como um símbolo proconsular na Ásia. Já em um *as* de 38 a.C., cunhado na base naval de Antônio na Grécia, onde ele se encontrava com sua esposa Otávia, os dois aparecem no anverso conjugados, ele na frente e ela atrás.

Figura 10: Denário cunhado entre 34-32 a.C., em Alexandria.



Anverso: busto de Cleópatra, com diadema, com uma proa de navio atrás; inscrição: *CLEOPATRAE.REGINAE.REGVM.FILIORVM.REGVM*. Reverso: busto de Antônio, com a tiara armênia atrás; inscrição: *ANTONI.ARMENIA.DEVICTA*. RRC 543/1.

No anverso dessa moeda, Cleópatra porta um diadema e está ricamente vestida com uma túnica de dois fechos ligados por um colar de pérolas, destacando-se de Antônio, no reverso, que aparece sem nenhum adorno. Curioso é o fato de que essa moeda é um denário, portanto, uma moeda romana. Contudo é uma rainha estrangeira quem aparece na face principal portando sua titulatura, algo inédito para os romanos, cujas mulheres, ao aparecerem nas cunhagens, não tinham seus nomes mencionados.

As designações dos consortes, na inscrição, são grafadas no dativo, indicando assim que a moeda pertence a eles. No reverso, a inscrição pode ser traduzida como “de Antônio, tendo a Armênia sido conquistada”. Essa conquista é reforçada pela tiara armênia que aparece por detrás do busto do triúnviro. Esse objeto, uma espécie de chapéu ou turbante usado pelos reis da Pérsia e da Armênia, aparece como um espólio de guerra, símbolo da conquista empreendida por Antônio. Na moeda RRC 539/1, de 37 a.C., Antônio já havia inserido esse artefato no anverso, porém sem referência à vitória militar, pois a cunhagem era anterior à campanha da Pártia.

A tradução da inscrição do anverso é “de Cleópatra, rainha dos reis e dos filhos que são reis”. Isso indica, como aponta Crawford (1975a, p. 102), que na época da cunhagem as famosas doações de Alexandria já haviam ocorrido, e os filhos da rainha já haviam sido declarado reis. A proa do navio, como esclarece Seaby (1989, p. 129), é associada a Cleópatra por conta do poderio naval do Egito. Cleópatra não é de modo algum representada como consorte de Antônio, mas como uma soberana aliada a um general romano. Por essa razão, seus títulos são todos oficiais. Cleópatra se coloca no

mesmo patamar ou num patamar superior a Antônio, pois seu busto ocupa o lado principal da moeda.¹⁹

Figura 11: Bronze cunhado entre 34-33 a.C., em Dora, Fenícia.



Anverso: busto de Cleópatra, ornamentada com diadema e colar de pérolas, e de Antônio, conjugados.
Reverso: deusa Tique segurando um ramo de palmeira com a mão direita e com a esquerda um caduceu, com um monograma da cidade de Dora à frente. *Mesh. Dora 13.*

A mesma concepção da soberania de Cleópatra é expresso no exemplar acima: os dois consortes estão juntos no anverso, mas quem aparece na frente é Cleópatra, ao contrário do que ocorre nas cunhagens de 38 e 39 a.C. (*RPC 1465 e 2202*), nas quais Antônio faz par com Otávia, mas é ele quem predomina. Schwentzel (2009, p. 79) comenta que esse tipo de representação de um casal já havia ocorrido entre os Ptolomeus no século III a.C., quando o rei e a rainha representavam-se como deuses salvadores. Porém, mesmo nesse caso, a mulher é colocada atrás do esposo. No reverso, vemos a deusa Tique, a Fortuna romana, em geral a responsável pelo êxito das cidades.

Como salienta Roller (2010, p. 182), as cunhagens de Cleópatra exprimem seu anseio em expandir o reino egípcio, principalmente no final da década de 30 a.C., uma vez que em praticamente todas as possessões ptolomaicas ocorreram cunhagens com sua efígie. O poder de Cleópatra é exaltado nas moedas até o momento que antecede a Batalha de Ácio, como podemos constatar em uma moeda de 32/1 a.C. (*RPC 1245*), na qual Cleópatra aparece no anverso e um adorno de Ísis no reverso. Essa moeda foi cunhada em Pátras, porto onde Antônio invernou e preparou-se para a Batalha que se

¹⁹ Assim como na versão grega dessa moeda (*RPC 4094*), é Cleópatra quem aparece no anverso; na *RPC 4771* a mesma coisa acontece.

seguiria contra Otávio (Plut., *Ant.*, 60.2). Desse modo, essa cunhagem é testemunha do papel central da rainha no contexto de acirramento da tensão entre os triúnviros.

Figura 12: Denário de 31 a.C., cunhado em Pafos, Chipre.



Anverso: Busto de Antônio; inscrição: *M.ANTONIVS.AVG.IMP.IIIII.COS.TERT.IIIII.VIR.R.P.C.* Reverso: deusa Vitória inserida dentro de uma coroa de louros, segurando uma coroa de louros. *RRC 545/1.*

A moeda acima, cunhada em 31 a.C., é a última na qual Antônio aparece representado. Em suas outras cunhagens desse mesmo ano, denominadas “moedas legionárias”, um conjunto de 39 exemplares, aparecem somente estandartes, proas de navios e o nome das legiões. Sua efígie ou a de Cleópatra não são utilizadas. Essa moeda, todavia, pode ser inserida no mesmo contexto de produção das moedas legionárias, pois ela também foi cunhada para pagar os soldados que lutariam na campanha de 31 a.C. A cunhagem das moedas legionárias, em larga escala, foi feita em vários ateliês monetários orientais, como em Éfeso e Pátras (PAUNOV; PROKOPOV, 2012, p. 2-3). Entre os títulos do anverso está incluso o de cônsul, magistratura para a qual Antônio havia sido designado, mas que não revestiu, pois Otávio conseguiu destituí-lo antes da posse. O fato de Antônio fazer questão de incluir o título de cônsul na moeda é uma forma afrontar o rival, firmando posição contrária à decisão de impedir sua posse como cônsul. Desse modo, Antônio demonstra que não é um *priuatus* empreendendo a guerra contra Otávio, mas sim um cônsul da *res publica* (LANGE, 2007, p. 62).

Kreuzer (2009, p. 65) e Fachin (1993, p. 25-6) colocam em dúvida a quarta aclamação como *imperator* que essa moeda anuncia; segundo Crawford (1975a, p. 102), essa honra teria sido concedida a Antônio um pouco antes da Batalha de Ácio. Porém, acreditamos que o fato de existir outra moeda do mesmo ano (*RRC 546/1*) contendo a

sigla *IMP. IIII* torna bastante razoável que Antônio tenha sido realmente aclamado *imperator* em 31 a.C. A deusa Vitória, no anverso, não representa a comemoração de uma conquista em si, mas exprime o desejo de Antônio em ser coroado por ela. Isso, como se sabe, não ocorreu, mas a coroa de louros aparecendo duplamente na imagem sugere a importância da batalha prestes a ocorrer.

Considerações finais

Notamos que, nas cunhagens de Antônio e Cleópatra, veicula-se um discurso bem distinto da versão difundida pelos autores antigos favoráveis a Otávio.²⁰ As moedas, de fato, consistem em uma das únicas formas de captar o modo como o casal buscou ser visto pela sociedade de sua época, mostrando-se como titulares legítimos de poder. Antônio, até a sua última cunhagem, enfatizou seus títulos referentes aos cargos em Roma, buscando transmitir uma imagem cívica, ligada à *Vrbs*, algo impossível de ser captado nas obras de autores pró-Otávio/Augusto. É possível, ademais, que no momento das cunhagens houvesse autores leais a Antônio, pois, como nos informa Scott (1933, p. 48), Antônio recebeu o apoio de autores que escreveram a seu favor ou contra Otávio, a saber: Júlio Saturnino, Aquílio Níger, Cássio Parmense, Cássio Patavino, Júnio Novato e Asínio Polião, sendo que este último redigiu um panfleto denominado *Contra maledicta Antonii*.²¹ As obras desses autores, infelizmente, não chegaram até nossos dias. Sabemos também, por meio de Plutarco (*Ant.*, 82.2), que o médico particular de Cleópatra, chamado Olimpo, escreveu um relato contando a versão da rainha. A obra, pelo menos à época de Plutarco, ainda era acessível, pois o autor a consultou para compor a última parte da biografia de Antônio.

O próprio Antônio teria composto um panfleto político de sua autoria antes da Batalha de Ácio, cujo título e conteúdo são desconhecidos, mas que Plínio, o Velho (*Nat. Hist.*, 14.22), refere-se como *De sua ebrietate*, "Sobre sua embriaguez". Várias conjecturas a respeito do conteúdo dessa obra foram feitas, inclusive a de que fosse um

²⁰ Discutimos essa versão em nossa dissertação de Mestrado, intitulada "A construção da imagem de Otávio, Cleópatra e Marco Antônio entre moedas e poemas (44-27 a.C.)", defendida junto no Programa de Pós-Graduação em História da Ufes, sob orientação do Prof. Dr. Gilvan Ventura da Silva.

²¹ Essa informação é retirada da *Ars Grammatica* de Flávio Carísio, um gramático latino do século IV d.C., mencionado por Syme (2011, p. 291) e Scott (1933, p. 48).

tratado filosófico ou uma *emulatio* de Cratino (SCOTT, 1933, p. 139).²² A maioria dos comentadores acredita que a obra foi composta como réplica aos ataques de Otávio e partidários, que acusavam Antônio de viver em estado permanente de embriaguez.²³ Beer (2012, p. 1 e ss) acredita que a obra poderia traduzir o desejo de Antônio de parecer menos austero que Otávio e ao mesmo tempo identificar-se com Dionísio, celebrando a bebida (aliás, como vários autores do século I a.C. fazem, inclusive Horácio).

No mais, é possível constatar também, por meio das moedas acima, que a vinculação à memória de Júlio César teve grande importância política não somente para Otávio, futuro imperador Augusto, mas também para Antônio e Cleópatra, os quais igualmente se utilizaram da memória do *dictator* para reforçar seus laços com o *diuus Iulius*, um modo de legitimar/reforçar seus projetos e suas pretensões diante do mundo mediterrâneo. Existiu, desse modo, uma narrativa na qual o casal é que representava a continuidade com Júlio César.

Essa versão, porém, foi suplantada pela propaganda de Otávio e de seus aliados, e certamente algumas obras favoráveis a Cleópatra e Antônio foram destruídas por estes.

Ademais, é possível ir além dos lugares de memória criados em torno do casal Cleópatra e Marco Antônio, que por séculos foram estigmatizados por terem sido caracterizados como *alter* no debate político romano. Desconstruir a ideia de devassidão por parte de Antônio ou de sedução/perversidade por parte de Cleópatra é expressar que, nas relações humanas e nas lutas pelo poder, sempre são fabricadas imagens negativas e positivas, que adquirem um estatuto de verdade a partir do momento em que alguém sai vitorioso e sua versão passa a ser tida como a única autorizada. Assim, as moedas acima expressam um contexto de conflito político, pois eleger um símbolo para ser vinculado à sua imagem e circular por toda extensão do Império, nas transações comerciais mediterrâneas ou nos pagamentos de soldados, era uma forma de fazer circular seu discurso e transformar a sua representação em realidade, ao menos no contexto da superfície da moeda.

²² Cratino foi um poeta ateniense que viveu entre os séculos VI e V a.C. que teria escrito ataques violentos a Péricles.

²³ Ver: Von Hahn (2008, p. 16) e Scott (1933, p. 141).

Referências

Documentação primária impressa

- CICERO. *Philippics* (1-6 e 7-14). Tradução de D.R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 2009.
- DIO CASSIUS. *Dio's Roman History*. Tradução de Earnest Cary e Herbert Baldwin Foster. Cambridge: Harvard University, 1914. v. III.
- DIO CASSIUS. *Dio's Roman History*. Tradução de Earnest Cary e Herbert Baldwin Foster. Cambridge: Harvard University, 1954. v. IV.
- DIO CASSIUS. *Dio's Roman History*. Tradução de Earnest Cary e Herbert Baldwin Foster. Cambridge: Harvard University, 1917. v. V.
- PLINY THE ELDER. *Natural History*. Tradução de H. Hackham. London: Loeb Classical Library, 1938-1963. 10 v.
- PLUTARCH. *The Parallel lives: Demetrius and Antony, Pyrrhus and Gaius Marius*. Tradução de Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, 1920. v. IX.
- PLUTARCH. *The Parallel lives: Demosthenes and Cicero, Alexander and Caesar*. Tradução de Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University, 1919. v. VII.

Documentação numismática

- CRAWFORD, M. H. *Roman Republican coinage*. Cambridge: Cambridge University, 1975a. v. 1.
- CRAWFORD, M. H. *Roman Republican Coinage*. Cambridge: Cambridge University, 1975b. v. 2.
- SVORONOS, J. N. *Ta Nomismata tou Kratous ton Polemaion*. Atenas: [s.n], 1904.

Obras de Apoio

- ADAMSON, J. Power and presence: Cleopatra's image in form and context. 2007. (Trabalho de Conclusão de Curso). University San Marcos: Texas.
- ARAGÃO, A. C. T. *Descrição histórica das moedas romanas*. Lisboa: Casa Real, 1870.
- BEARD, M.; NORTH, J.; PRICE, S. *Religions of Rome: a history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

- BEER, M. *The de sua ebriete of Marcus Antonius: an attempt to please everyone?* Exeter, 2012. Comunicação proferida na Classical Association Annual Conference, University of Exeter. 14 April 2012. Disponível em: <[https://www.academia.edu/2076127/The de sua ebriete of Marcus Antonius an attempt to please everyone](https://www.academia.edu/2076127/The_de_sua_ebriete_of_Marcus_Antonius_an_attempt_to_please_everyone)>. Acesso em: 04/12/2013.
- CARLAN, C. U. *Moeda e poder em Roma: um mundo em transformação*. 2007. Tese (Doutorado em História). Unicamp: Campinas, 2007.
- CHEVALLIER, J.; GHEERBRANT, A. *Diccionario de los símbolos*. Barcelona: Herder, 1986.
- DAREMBERG, M. C.; SAGLIO, E.d (Ed.). *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*. Paris: Hachette, s/d. t. 2, v. 2.
- FACHIN, M. C. *Moeda e instabilidade política no final da República Romana: emissões monetárias de Marco Antônio*. 1993. Dissertação (Mestrado). Universidade de São Paulo: São Paulo, 1993.
- GONÇALVES, A. T. M.; OMENA, L. M. (Org.). *Literatura, poder e imaginários sociais no Mediterrâneo antigo*. Goiânia: Editora da PUC, 2010.
- GRANT, M. *Cleopatra*. Edison: Castle Books, 2004 [1972].
- GRIMAL, P. *Mitologia clássica: mitos, deuses e heróis*. Lisboa: Edições Texto e Grafia, 2009.
- HAZZARD, R. A. *Imagination of a monarchy: studies in Ptolomaic propaganda*. Toronto: University of Toronto Press, 2000.
- HUZAR, E. G. *Mark Antony: a biography*. Minneapolis: University of Minnesota, 1978.
- KREUZER, M. *The Coinage System of Cleopatra VII, Marc Antony and Augustus in Cyprus*. Springfield: [s.n.], 2009. Disponível em: <<http://www.forumancientcoins.com/articles/kreuzer/kreuzer-01.pdf>>. Acesso em: 15/12/2013.
- LANGE, C. H. *Res publica constituta: Actium, Apollo and the accomplishment of the triumviral assignmen*. 2007. Tese (Doutorado em Filosofia). Universidade de Nottingham: Nottingham, 2007.
- LUCE, J. V. *Cleopatra as fatale monstrum (Horace, Carm. 1.37.21)*. *Classical Quarterly*, n. 13, v. 2, p. 251-257, 1963.
- MADDEN, F. W.; SMITH, C. Roach; STEVENSON, Seth William. *A dictionary of Roman coins*. London: George Bell and Sons, 1989.

- NEWMAN, R. A dialogue of power in the coinage of Antony and Octavian (44-33 B.C.). *American Journal of Numismatic*, New York, v. 2, p. 37-63, 1990.
- PAUNOV, E. I.; PROKOPOV, I. S. Actium and the "Legionary" Coinage of Mark Antony: historical, economic and monetary consequences in Thrace. In: LIAMPI, Katerini (Ed.). *First International Numismatic Conference of Epirote Studies*. Atenas: [s.n], 2012.
- PÉREZ, I. La familia Antonia descendiente de Antón, hijo de Heracles: la manipulación de um mito. *Studia historica, Historia antigua*, n. 27, p. 177-186, 2009.
- ROLLER, D. W. *Cleopatra: a biography*. Oxford: Oxford University, 2010.
- SCHWENTZEL, C-G. *Cleópatra*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- SCOTT, K. Octavian's propaganda and Antony's De sua ebrietate. *Classical Philology*, vol. 24, n. 2, p. 133-141, 1929.
- SCOTT, K. The political propaganda of 44-30 BC. *Memoirs of the American Academy in Rome*, v. 11, p. 7-49, 1933. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4238573>>. Acesso em: 06/02/2013.
- SEABY, H. A. *Roman silver coins*. London: Seaby Publications, 1989 [1952]. v. 1.
- SEAR, D. R. *Roman coins and their values*. London: Spink and Son, 2000.
- STEWART, R. The jug and lituus on Roman Republican coin types: ritual symbols and political power. *Phoenix*, Toronto, n. 2, v. 51, p. 170-189, 1997.
- SYME, R. *La revolución romana*. Barcelona: Crítica, 2011 [1939].
- VON HAHN, B. B. *The characterization of Mark Antony*. Dissertação (Mestrado em Artes). 2008. University South Africa: Pretoria, 2008.
- WALLACE-HADRILL, A. Image and authority in the coinage of Augustus. *The Journal of Roman Studies*, Cambridge, v. 76, p. 66-87, 1986.
- WYKE, M. *The Roman mistress: ancient and modern representations*. Oxford: Oxford University, 2002.
- ZANKER, P. *The power of images in the age of Augustus*. Michigan: University of Michigan, 2010.